

# OS AVANÇOS DA AVALIAÇÃO NO SÉCULO XXI

*Thereza Penna Firme, Ph.D.*

## RESUMO

O conceito de avaliação evoluiu aceleradamente nas duas últimas décadas e a prática da avaliação não tem acompanhado esse avanço, o que tem gerado distorções de métodos e resultados. Nesse sentido, a capacitação do educador no que se refere aos padrões da verdadeira avaliação em termos de utilidade, viabilidade, ética e precisão é crucial e urgente para que a avaliação cumpra o seu propósito de promover a transformação.

## PALAVRAS-CHAVE

Avaliação, avanços conceituais, mérito, relevância, impacto.

Avaliar pode ser um empreendimento de sucesso, mas também de fracasso; pode conduzir a resultados significativos ou a respostas sem sentido; pode defender ou ameaçar. Ou avançamos na mudança de século, ou tropeçamos. A decisão clama pelo desafio, porque as aceleradas inovações teórico-metodológicas na avaliação, como disciplina, estão em descompasso com a prática educacional que, lamentavelmente, salvo algumas exceções, se perde na contramão da trajetória ascensional das grandes tendências que os estudiosos apontam nesses 100 anos de história da avaliação, desde a simples mensuração à negociação de juízos de valor, critérios, procedimentos e resultados. Autores como Guba e Lincoln<sup>1</sup>, Patton<sup>2</sup>, Stufflebeam<sup>3</sup>, Fetterman<sup>4</sup>, Cronbach<sup>5</sup>, Worthen, Sanders e Fitzpatrick<sup>6</sup> sustentam esses avanços.

Dessa desafiadora concepção da avaliação resulta, como imprescindível, a capacitação de educadores, líderes, dirigentes e profissionais, nos vários âmbitos disciplinares, para a melhor utilização da avaliação. Mais especificamente, a formação do avaliador é um desafio consequente para a avaliação do novo século. É, pois, na medida em que avaliados e avaliadores dialoguem, instituições e sistemas se sintonizem e inteligências múltiplas<sup>7</sup> se complementem, que a avaliação irá emergindo com as suas características mais notáveis de propulsora das

<sup>1</sup> Guba, Egon G.; Lincoln, Yvonna S. **Fourth generation evaluation**. Newbury Park: Sage Publications, 1989.

<sup>2</sup> Patton, Michael Q. **Utilization focused evaluation: the new century text**. 3. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 1997.

<sup>3</sup> Stufflebeam, Daniel L.; Madaus, George F.; Kellaghan, Thomas. **Evaluation models**. Boston: Kluwer Academic Publishers, 2000.

<sup>4</sup> Fetterman, David. **Foundations of empowerment evaluation**. Thousand Oaks, Sage Publications, 2001.

<sup>5</sup> Cronbach, Lee. **Designing evaluations of educational and social programs**. San Francisco, California: Jossey-Bass, 1982.

<sup>6</sup> Worthen, Blaine R.; Sanders, James R.; Fitzpatrick, Jody L. **Program evaluation: alternative approaches and practical guidelines**. 2. ed. New York: Longman, 1997.

<sup>7</sup> Gardner, Howard. **Multiple intelligences: the theory in practice**. New York: Basic Books, 1995.

necessárias transformações educacionais, sociais e culturais e advogada na defesa dos direitos humanos.

Assim, o grande desafio nesta era contemporânea da informação não é a capacidade de produzir, armazenar ou transmitir informações, mas sim reconhecer o que é importante saber e, de fato, utilizar essa informação<sup>8</sup>. Nessa perspectiva, a questão crucial é descobrir o que é preciso fazer para criar e desenvolver avaliações que sejam realmente utilizadas para reduzir incertezas, melhorar a efetividade e tomar decisões relevantes. Por isso mesmo, a grande meta da avaliação é a ação. Seu significado maior está em fortalecer o movimento que leva à transformação, nele intervindo sempre que necessário. A preocupação dos estudiosos da área em definir padrões de excelência para a avaliação<sup>9</sup> gerou um substancial conjunto de critérios agrupados em quatro categorias, encabeçadas pela dimensão **utilidade**, o que significa que uma avaliação não deverá jamais ser realizada se não o for para ser útil. Segue-se a dimensão **viabilidade**, segundo a qual ela terá que, além de útil, ser conduzida considerando aspectos políticos, práticos e de custo-efetividade. Em sintonia com tais características, e não menos importante, é a **ética** com que deve ser realizada, no respeito aos valores dos interessados, incluindo grupos e culturas. E, finalmente, se for possível desencadear uma avaliação útil, viável e ética, então será importante considerar a característica **precisão**, no que tange às dimensões técnicas do processo. Tais critérios de excelência clamam, portanto, por avaliações sensíveis à responsabilidade situacional, metodologicamente flexíveis, dinâmicas no entendimento político e substancialmente criativas para integrarem todas essas dimensões na direção do desenvolvimento e do aperfeiçoamento de seu objeto, seja ele um projeto, um programa, uma instituição, um sistema ou indivíduos. Cada avaliação deve, pois, revestir-se de características próprias em sintonia com o contexto social, político, cultural e educacional onde se realiza e de forma tal que o avaliador é essencialmente um historiador<sup>10</sup>, que descreve, registra e interpreta a história singular de cada cenário.

Nessa concepção, que representa um enfoque mais amplo e amadurecido de avaliação, característico da década que vivemos, são levados em consideração os valores, as preocupações e as percepções dos interessados em relação ao objeto da avaliação. É com essa abordagem que a avaliação atinge um clímax de responsabilidade e de participação como facilitadora de um processo de fortalecimento do seu objeto de atenção. Nesse sentido, ela intervém para reforçar potencialidades e sucessos, em vez de meramente registrar dificuldades e fracassos. No concerto dos vários atores e harmonizando a intersubjetividade na formulação dos juízos de valor, o processo avaliativo terá que adentrar o **mérito** de seu objeto enquanto valor interno, implícito e independente de quaisquer aplicações; e mais amplamente descobrir sua **relevância**, enquanto é útil nos seus resultados, repercussões e impactos. A avaliação no significado mais amplo é, pois, um desafio e, para alcançá-lo, a criatividade e a sensibilidade, a objetividade e a subjetividade estão presentes e atuantes, sempre que necessário, para responder com propriedade às indagações e facilitar a ação de aperfeiçoamento.

Lamentavelmente, porém, a boa intenção de projetos e programas educacionais, sociais e culturais não basta para sustentar seu desenvolvimento e, o que é mais crítico ainda, seus resultados mais relevantes. O campo é desafiador e clama por múltiplas inteligências, profunda sensibilidade e articulada comunicação

<sup>8</sup> Patton, op. cit.

<sup>9</sup> The Joint Committee on Standards for Educational Evaluation. *The program evaluation standards*. 2. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994.

<sup>10</sup> Cronbach, Lee et al. *Toward reform of program evaluation*. San Francisco: Jossey-Bass, 1980.

entre os envolvidos nas complexas dimensões e implicações, que são a marca mais contundente dos problemas sociais que agridem todos os níveis e espaços de uma sociedade. E a nossa não está isenta.

Os estudiosos mais atualizados da avaliação têm sido pródigos e criativos na diversidade de concepções teóricas e metodológicas e na busca de abordagens mais capazes de análise, compreensão e intervenção, para o efetivo desencadeamento de impactos. Nessa gama de abordagens e modos de ver, a avaliação vai adquirindo diferentes enfoques sem, contudo, mostrar conflitos ou divergências substanciais.

Especificamente com relação à **avaliação de programas e projetos socioeducacionais**, vale destacar pelo menos, entre outras concepções recentemente discutidas nesse começo de milênio, o enfoque da **transdisciplinaridade**<sup>11</sup>, que defende a presença da avaliação não como disciplina isolada, mas sim como aquela que atravessa áreas de conhecimento para as quais ela oferece significativa contribuição. Outro enfoque digno de atenção nesse panorama é a compreensão da avaliação como **empowerment**<sup>12</sup>, no sentido de considerá-la como facilitadora da autoavaliação, ou seja, o fortalecimento da autodeterminação no aperfeiçoamento de indivíduos e programas.

Numa visão sintonizada com a questão social, vale ainda destacar a percepção de avaliação como **inclusiva**<sup>13</sup>, na qual o envolvimento no processo avaliativo de grupos discriminados em termos de gênero, etnia, cultura ou nível socioeconômico, entre outros, seja o fator por excelência na garantia da autenticidade da avaliação. Sem esgotar a menção de outras importantes concepções de avaliação no contexto de programas e projetos dessa natureza, a abordagem naturalística, sem perder a conjugação com métodos convencionais, parte das preocupações e dos temas de conflito de todos os envolvidos no objeto-alvo da avaliação, para a construção do próprio processo avaliativo.

Em síntese, porém, um fator sumamente crucial que está presente neste momento atual de avanços na avaliação é o respeito à participação efetiva de todos os interessados no processo, ou *stakeholders*, os quais, independentemente de sua condição social, econômica, acadêmica ou outras, são elementos cruciais que devem atuar no processo, desde sua concepção até seus resultados. Somente assim, a avaliação será útil nas necessárias transformações que os programas e projetos sociais, educacionais e culturais pretendem alcançar.

Bsb, 6/5/2009

---

<sup>11</sup> Scriven, Michael. **Evaluation thesaurus**. 4. ed. Newbury Park, California: Sage Publications, 1991.

<sup>12</sup> Fetterman, op. cit.

<sup>13</sup> Mertens, D. M. The inclusive view of evaluation: visions for the new millennium. In: Donaldson, S. I.; Scriven, M. **Evaluating social programs and problems: visions for the new millennium**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2003.